“Tão logo Moisés deixou o palácio, levantou os braços aos céus. Um vento leste trouxe nuvens de gafanhotos ao Egito, cobrindo o sol, e devorando cada folha verde que porventura tivesse escapado ao granizo e às pragas anteriores.

Nunca na história da humanidade houvera uma praga de gafanhotos tão devastadora como esta. Trouxe ruína total ao Egito, o qual já tinha sido totalmente destruído pelas catástrofes precedentes. Novamente o faraó mandou chamar Moisés e Aarão, implorando a eles que orassem a Deus para que cessasse esta praga. Moisés assentiu, e Deus mandou um forte vento oeste que levou os gafanhotos para o mar. Quando tudo amainou, a obstinação do faraó voltou, e recusou-se a liberar o povo de Israel.”

Capítulo 1 – A Visão aterrorizante

A visão era de destruição. Parecia que a terra estava encoberta por uma penumbra, uma espécie de cinza e era noite por todo o tempo. A sensação era de estar em Londres debaixo de intenso “fog”.

Era algo sombrio demais, como se as trevas tivessem se instalado, tal qual previsto no apocalipse. Havendo sol era escaldante, chovendo era muito perigoso pois relâmpagos fulminavam pessoas e a água da chuva era totalmente contaminada.

Não ouvia-se mais o som da natureza, som de carros, de propagandas. Era um grande silêncio, cortado apenas por alguns ruídos ao longe, de fábricas postas em funcionamento e pelo silvo de veículos blindados que voavam a poucos metros do chão, em patrulha.

Já não víamos a cidade viva, como de costume, com seus engarrafamentos e pessoas indo e vindo. Tudo era um abandono só. A

vegetação aos poucos tomava conta dos espaços. Nas cidades os insetos, os ratos e baratas eram as espécies dominantes.

Durante o que supúnhamos ser o dia, apenas avistávamos um certo brilho, na posição onde devia estar o sol. Muitas vezes ele podia ser visto sem ofuscar, dada a densidade da neblina. Até que era um espetáculo belíssimo, não fossem as demais circunstâncias.

Os ventos, as intempéries, eram comuns. Os dias eram deprimentes, principalmente nas épocas do tradicional inverno onde uma fina chuva caía.

Nos dias de verão, quando chovia, não se podia ficar lá fora.

As gotas de chuva queimavam a pele. Era a chuva ácida.

As árvores pareciam “depenadas”, completamente sem folhas. A chuva ácida causa uma perda de tolerância ao frio pelas plantas, o que as faz desfolhar.

O solo estava com sua química e biologia alterados, dada a acidez provocada. Rios e lagos estavam acidificados acentuadamente. O fitoplâncton estava danificado e havia perda significativa da biodiversidade. Haviam poucos peixes. A acidez da água era mesmo terrível. Não era possível dela beber, não sem um tratamento químico muito forte.

Trabalhávamos como escravos em uma fábrica de comida. Uma pasta de carne envasada para dar de comer a certas criaturas, seres ditos superiores, que agora habitavam o planeta.

Eram como abutres, mas tinham braços ao invés de asas.

Descendiam de uma raça que chegara ao planeta por volta de 2100 da era vulgar.

Haviam eliminado boa parte dos humanos e outros haviam sido escravizados em diversas fábricas.

Eu era um dos sobreviventes.

Quase não dormia e a comida era horrível.

Eram sobras das comidas preparadas para os “patrões”.

A parte servida a eles era a de melhor qualidade, como se fosse um patê. As demais partes nos eram servidas, mas era horrível. Parecia carne de gado processada, tal qual “hamburger”.

Comer todos os dias aquele “bife” servia também como estratégia psicológica para desmotivar e também não garantia os nutrientes necessários para uma fuga em massa. Possivelmente era tratado com algum químico pois a fraqueza que instalava-se em nós, humanos, era imensa, mas tinha um efeito não imediato.

Cerca de 4 a cinco horas depois da refeição era quase impossível manter-se de pé.

Não sabíamos de onde vinha aquilo, apenas trabalhávamos. Somente os homens, as mulheres haviam desaparecido, bem como as crianças. Era um outro fator determinante para manter certa paz, pois não cogitávamos fugir sem saber onde estariam mulher e filhos.

Acreditávamos que as crianças do sexo masculino cresciam e eram mandadas para as fábricas, enquanto as mulheres eram usadas para reprodução afim de gerarem mais escravos e aperfeiçoarem sua raça.

Tínhamos alguns relatos mas nada era confiável, até porque alguns de nós eram espiões das horrendas criaturas, em troca de algum benefício. Sem dúvida as tais criaturas tinham conhecimento bem amplo a respeito da natureza humana e seus vícios e hábitos. Estávamos totalmente controlados.

Bem, não totalmente.

Além de todo esse cenário o calor era insuportável. O clima na terra havia mudado muito. Durante o dia, calor, durante a noite, frio congelante. Algo semelhante a estar no deserto.

Tudo isso causava desidratação e além da sede, uma costumeira fraqueza pela perda de minerais. Éramos feito fracos para que não ousássemos qualquer tipo de atitude libertadora.

Estávamos totalmente servis e deprimidos. Mas dentro de nós havia uma pequena chama

que nunca se apaga, a vontade de sermos livres novamente.

Muitos de nós, quando recolhidos às celas para poucas horas de sono, escreviam cartas, poesias, desenhavam com qualquer instrumento que pudesse deixar marcas. Isso não era proibido, era até admirado pelos invasores, como se eles pretendessem entender a natureza humana mesmo nas horas de intenso sofrimento.

Parecia que além de servirmos de trabalhadores braçais nós ainda servíamos como pesquisa.

Era algo cruel.

Mesmo algumas flores era possível manter nas celas, mesmo que fossem flores comuns, pragas. Evidentemente elas morriam por falta de água, mas isso não impressionava os extraterrestres.

Antes os impressionava a tenacidade como cultivávamos uma após a outra, seguidamente.